

Novas formas de exclusão social? Reflexões sobre o digital divide*

Rainer Randolph
Mário Hélio Trindade de Lima

*"Once it was the Jet Set that mere mortals admired –
in the new millennium it will be the NET Set".
Evening Standard, London, 29/7/1999.¹*

Apresentação

Em investigações recentes,² a temática do acesso diferenciado de diversos segmentos e/ou classes sociais às (não apenas novas) tecnologias de informação e comunicação (TIC) vem sendo estudada com referência a diferentes escalas, desde a internacional entre diferentes países como as nacional, regional, municipal e local, em relação a três elementos principais: levanta-se e compara-se o acesso à telefonia; ao uso do computador e à Internet por parte de determinados grupos da população, diferenciados por renda, educação, etnia, sexo e outros critérios. Consta-se uma distribuição desigual deste acesso, tanto entre diferentes sociedades como também no interior de cada uma; e começou-se a chamar esta expressão particular da desigualdade (inter e intra) social de "Cisão Digital" - ou "*digital divide*".

Nosso ensaio tem como objetivo central abrir uma discussão a respeito destes fenômenos; procuramos, em particular, fornecer primeiros elementos para um aprofundamento da reflexão através da busca de um referencial teórico-conceitual para este debate, que se mostra bastante preso a meras constatações empíricas, abordagens classificatórias pouco sofisticadas que se satisfazem com a elaboração de tipologias a partir de levantamentos estatísticos. Nosso caminho será "radicalizar" a própria problematização. Quer dizer, não tratar os fenômenos acima referidos como expressões (ou características)

de "desigualdades", mas de "exclusões" – com isto aproximaremos nosso estudo a um rico campo de análise que está merecendo aten o por uma série de autores renomados ultimamente. As reflexões acerca da exclusão social serão, portanto, por nós apropriadas para compreendermos melhor (em termos extensivos e intensivos) o significado daquilo que começou a ser chamado de *digital divide*. E, finalmente, esta compreensão pode nos capacitar para retribuir   discussão sobre a exclusão a identifica o de formas e dinâmicas novas que desafiam a "validade" e "verdade" das perspectivas mais difundidas.

Toda essa investiga o³ inscreve-se no mesmo contexto como dois terços dos trabalhos atualmente publicados, que procuram analisar, compreender ou até explicar as transforma es ou a transi o pelas quais passa o mundo, hoje, na virada para um novo mil nio. Na medida em que – apesar de continuar inconclusivo – este debate está se tornando cada vez mais lugar-comum não apenas no debate acad mico, dispensa aqui a necessidade de retomar os posicionamentos e argumenta es. Quando nos desbrucar, posteriormente, sobre diferentes perspectivas, já será mais voltado   problemática específica do nosso trabalho: a "cisão" ("*divide*") ou "exclusão digital". Tendencialmente parece-nos necessário, para dar conta da importância e abrangência do tema, dentro de uma abordagem que distingue entre centro – como "lugar" daqueles que têm pleno acesso às benesses das TICs – e periferia – onde este acesso   precário ou mesmo não existe –, debater toda a complexidade de um encadeamento de distintas formas interdependentes de exclusão que perpassam os níveis macro (internacionais), regionais, nacionais, sub-nacionais até se manifestar concretamente na escala da cidade. Nosso trabalho não vai poder, por razões óbvias, abarcar todo este universo de questões.

Dedicar-nos-emos, inicialmente, levando em conta o já assinalado caráter e a pouca profundidade da discussão sobre o *digital divide*, a uma reflexão sobre a *exclusão* que pudesse informar melhor os levantamentos e análises de pouca profundidade teórico-conceitual.   luz dos elementos (critérios) destacados pela reflexão teórica realizaremos, depois, uma apropria o conceitualmente norteada dos principais fen menos atribuídos   cisão digital; para, finalmente, identificarmos provisoriamente as limita es - dada a *qualidade estratégica* das mudanças que se imagina sob o título do *digital divide* - mesmo das abordagens da "teoria da exclusão".

Exclusão social e segreg o espacial

As transforma es da sociedade do trabalho

A exclusão social vem sendo definida como um conjunto de processos que afetam aqueles segmentos sociais impossibilitados de conseguir um lugar estável nas formas dominantes de organiza o do trabalho e nos modos reconhecidos de pertencimento

comunitário, e se constitui pela presença de "supranumerários", indivíduos que se encontram às margens do mercado de trabalho e nas franjas da estrutura social – "desempregados de longa duração", "trabalhadores vítimas de readaptações industriais", "inempregáveis", "inúteis para o mundo", "jovens lançados em ocupações provisórias", excluídos de todo tipo (Castel, 1995). Como pano de fundo do debate encontra-se o pressuposto da existência de uma "crise na sociedade do trabalho" traduzida na perda da centralidade do trabalho como princípio de integração social (Offe, 1989; Dahrendorf, 1992; Habermas, 1987).

O argumento estabelece uma relação de causalidade entre as transformações no mundo do trabalho através do crescimento do desemprego e da precarização do trabalho, que põem em questão a crise da condição do estatuto salarial e do trabalho assalariado como suporte da identidade social. Este processo tem como origem, por um lado, uma crise do mercado de trabalho, que perde a capacidade de absorção mesmo dentro de circunstâncias de crescimento da produção de bens e serviços, e, por outro lado, uma perda de capacidade subjetiva do trabalho remunerado em servir como núcleo estruturador das atividades humanas, da auto-estima e das referências sociais, assim como das orientações morais (Offe, 1989). Tanto a crise do mercado de trabalho, quanto a crise na identidade social do trabalhador têm como resultado a exclusão social.

A "crise na sociedade do trabalho" e, como efeito mais imediato, a exclusão social, segundo Clauss Offe, se caracteriza por um conjunto de problemas relacionados ao fato de que, considerando-se

uma sociedade, onde as possibilidades de renda, de participação e de vida estão vinculados ao trabalho remunerado, aqueles que não conseguem inserir-se de forma estável no sistema ocupacional, (...) estão ameaçados com o estigma do fracassado, do descartável, e por isso prejudicados em suas condições de vida (1989, p. 8);

e em segundo lugar à crise do Estado de Bem-Estar que não pode mais honrar os direitos garantidos, e, finalmente, a tendência à diferenciação interna do trabalho remunerado ante o crescente volume da força de trabalho ou do tempo de trabalho excluído do mercado;

a qualidade de trabalhador torna-se imprópria para a fundamentação da identidade – e assim também para o enquadramento sociológico uniforme dos interesses e da consciência – daqueles que são trabalhadores. (Offe, 1989, p. 8)

As mudanças nas condições técnicas de produção e nas relações sociais de trabalho ditadas pela flexibilidade e o aparecimento de contratos de trabalho por tempo determinado produzem efeitos de proporção considerável sobre os riscos de existência social para os diretamente atingidos por estes processos. Observa-se, principalmente, que a diferenciação no seio da força de trabalho e a heterogeneidade na composição interna da força de trabalho conduz à uma estratificação no conjunto dos assalariados em

grupos relativamente bem delimitados, com recursos, op es e estratégias específicas.

A segmenta o do mercado de trabalho, isto  , a distin o entre núcleos protegidos e trabalhadores instáveis e a forma o de dois segmentos de emprego, de um lado, um mercado primário, formado por trabalhadores qualificados, melhor pagos e mais protegidos, e, de outro lado, um mercado secundário, constituído por trabalhadores menos qualificados e mal pagos, acentua ainda mais as disparidades entre diferentes categorias de trabalhadores que ameaçam romper a unidade da classe operária.

Este conjunto de problemas acerca das transforma es do mundo social revelam as teses fundamentais sobre as tendências atuais do mercado de trabalho. Em primeiro lugar, constata-se um processo de diferencia o interna do trabalho remunerado, através de crescente varia o entre diversas situa es de trabalho, com respeito a renda, qualifica o, estabilidade no emprego, que rompem com o poder de determina o do trabalho remunerado, sobre a consciência social, a percep o de interesses e o comportamento político dos trabalhadores. Assim, os processos de diferencia o (segmenta o do mercado de trabalho e a polariza o das qualifica es) e as mudanças econ micas, organizacionais e técnicas das condi es de trabalho promovem uma erosão das sustenta es culturais e políticas de uma identidade coletiva centrada no trabalho (Offe, 1989, pp. 20 e 21).

Na sociedade industrial, para a maioria dos indivíduos, o trabalho funciona como o elemento de integra o social, pois se a maioria da popula o trabalhadora   assalariada, o trabalho constitui um suporte privilegiado de inscri o na estrutura social, e   a partir da posi o ocupada na condi o de assalariado que se define a identidade social (Castel, 1995, p. 417). Mas se as mudanças no mercado de trabalho indicam tendências em curso que acentuam clivagens e fragmentam os trabalhadores, ao mesmo tempo que aumentam os riscos de instabilidade e vulnerabilidade de massa, estamos diante de uma situa o de crise no princípio do trabalho como suporte de integra o e de reconhecimento social: "para categorias cada vez mais numerosas da popula o ativa, a identidade do trabalho está perdida" (Castel, 1995, p. 531).

Por outro lado, Offe aponta uma descentraliza o da esfera do trabalho ante outros  mbitos vitais, e uma perda da validade e da centralidade subjetiva do trabalho, reduzindo-se a participa o dessa atividade no indivíduo. Processo que se acentua ainda mais com a "desprofissionaliza o" do trabalho, desaparecendo o lado subjetivo da profissão, no sentido de um código  tico, do orgulho profissional e do reconhecimento social.

Em suma, sob essa perspectiva, a capacidade de absor o no mercado de trabalho reduz-se drasticamente, reduzindo-se a parcela de tempo de trabalho no tempo de vida ou ainda surgindo uma parcela da popula o marginalizada da esfera remunerada (Offe, 1989, p. 28).

Uma das conseq ncias dessas tendências apontadas   o crescimento ou a forma o

no foco do desemprego estrutural, de subculturas de uma economia "informal" próxima à pauperização, ou de uma economia clandestina, cujos participantes adquirem uma aversão no mínimo passiva com respeito aos valores e às regras legais da "sociedade do trabalho", podendo facilmente enrijecer-se em uma cultura do desemprego subproletária, em uma 'não-classe' de não trabalhadores. (Offe, 1989, p. 33)⁴.

A presença de um segmento periférico e residual, constituído por trabalhadores inempregáveis, localizados em uma zona de exclusão do trabalho regular e estável e dos vínculos sociais, é associada à formação de um "individualismo negativo" definido por "uma ausência de lugar" de segmentos sociais "não-empregados" que exprime um conjunto de "não atores sociais", "não-forças sociais", "normais inúteis" (Castel, 1995, p. 530). Individualismo negativo, segundo o autor, porque se caracteriza em termos de falta de vínculos e ausência de suportes.

O fenômeno da exclusão social tem sido compreendido, assim, como um processo simultaneamente econômico, cultural e social que afeta grupos sociais que não possuem os requisitos mínimos para ingressar no mundo do trabalho, portanto desnecessários economicamente, e não possuem os direitos reconhecidos, estando sujeitos à ruptura dos vínculos societários e comunitários. Para alguns autores, esses processos conduzem ao surgimento de uma "subclasse", quando as patologias sociais se acumulam para criar uma condição a longo prazo em grupos sociais com as seguintes características; a ausência de qualificações e o desemprego, residência em áreas específicas e dependência e apoio da seguridade social (Dahrendorf, 1992, p. 159).

Segregação e isolamento social

Na medida em que a questão da exclusão continua basicamente vinculada à inserção no mercado de trabalho (e no exercício do trabalho assalariado), a compreensão das formas materializadas espacialmente da segregação de determinados contingentes entre distintos segmentos sociais reporta-se aos mesmos referenciais.

Assim, por exemplo, Wilson (1997) chama a atenção para o crescimento de níveis de desemprego e suas conseqüências para a vida social nos guetos. A origem dos principais problemas do gueto, tais como crime, dissolução familiar, baixos níveis de organização social, entre outros, estaria relacionada diretamente com o desaparecimento do trabalho. Defende uma ampla abordagem capaz de incluir todas as principais variáveis – culturais, sociopsicológicas, da estrutura social – e revelar o significado de suas interações na determinação de experiências e chances de vida para o segmento de habitantes dos guetos.

O declínio de oportunidades de emprego associado à reestruturação atinge um amplo segmento de baixas rendas, aprofundando os contrastes e desvantagens dos

moradores de gueto. Ao mesmo tempo, o  xodo de setores da classe média negra e da classe trabalhadora para outras áreas da cidade acabam por reforçar o isolamento social dos residentes em áreas deprimidas econ mica e culturalmente. Segundo Wilson, até recentemente, a convivência da classe trabalhadora com a classe média negra nas mesmas comunidades contribuía para reforçar e perpetuar os modelos dominantes de normas e comportamentos. Uma das principais características de mudanças nos anos 80  , portanto, o abandono dessas áreas por famílias empregadas e estabilizadas e o confinamento de grupos de famílias e indivíduos que, embora heter geneos, dividem em comum a mesma posi o de desvantagem e de exclusão do *mainstream system occupational* – definidos como uma *underclass*. Segundo este autor:

Included in this group are individuals who lack training and skills and either experience long-term unemployment or are not members of the labor force, individuals who are engaged in street crime and other forms of aberrant behavior, and families that experience long-term spells of poverty and/or welfare dependency. (Wilson, 1987, p. 8)

Segundo o autor, o debate sobre o tema da *underclass* deve enfatizar as rela es entre as características culturais específicas do gueto e as oportunidades sociais e econ micas. Deveriam ser consideradas não somente as mudanças na organiza o da economia, mas também as mudanças demográficas e as mudanças no papel do Estado. Neste sentido, a conexão das rela es entre desemprego e estrutura familiar, desemprego e desordem social, e desemprego e orienta o social de diversos grupos etários deveria ser considerada no programa de pesquisas sobre os guetos.

O surgimento de uma subclasse negra confinada nas áreas decadentes e cada vez mais isoladas, assim como o aparecimento de uma nova pobreza, com a forma o de guetos para imigrantes nas grandes metrópoles do "Primeiro Mundo", são considerados fen menos que expressam novas formas de exclusão social. Nesta perspectiva, Wacquant chama aten o para distin es socioespaciais entre o gueto americano e a periferia metropolitana francesa, submetidos a lógicas diferentes de segrega o e a níveis distintos de influência de raça, classe e localiza o, embora estes fen menos que estão se processando nas grandes metrópoles possam representar os indícios de "cristaliza o de uma nova e ainda incipiente porém distinta forma de marginalidade avançada". A no o de marginalidade avançada concebida por Wacquant como um tipo ideal, visa permitir contrastar certos traços e varia es significativas da pobreza urbana no período fordista do pós-guerra. A defini o do processo de marginalidade avançada apresentada pelo autor   a seguinte:

Visto deste ângulo um tanto prospectivo, o "retorno das realidades recalçadas" de extrema pobreza e destitui o social, as divisões etnoraciais (ligadas ao passado colonial) e a violência pública, e a sua acumula o nas mesmas áreas urbanas agonizantes, sugere que as cidades de Primeiro Mundo estão agora enfrentando o que podemos chamar de marginalidade avançada, isto  ,

novas formas de encerramento social excludente e de marginalização que surgiram – ou intensificaram-se – na cidade pós-fordista como resultado não do atraso, mas das transformações desiguais e desarticuladas dos setores mais avançados das sociedades e economias ocidentais, à medida que estas repercutem nos extratos mais baixos da classe trabalhadora e nas categorias etno-raciais dominadas, bem como nos territórios que estas ocupam na metrópole dividida, (Wacquant, s/d, p. 133)

Para delimitar as propriedades distintas que caracterizam o fenômeno da marginalidade avançada, Wacquant aponta os seguintes elementos:

- A erosão da capacidade integradora da relação trabalho-salário, considerando-se as mudanças relacionadas à flexibilidade das relações de trabalho e as mudanças no padrão de regulamentação estatal do trabalho assalariado, que conduz fragmentação e precariedade do mercado de trabalho.
- A deterioração das condições de vida e o desemprego estrutural que atingem amplos segmentos da população, simultaneamente ao crescimento econômico.
- Concentração da marginalidade em territórios estigmatizados.
- A alienação territorial ou a dissolução do lugar, traduzida pelo enfraquecimento das ligações comunais e instituições de reciprocidade.
- Perda dos vínculos com o trabalho assalariado e a desproletarização total de grandes segmentos da população local acometida pelo desemprego permanente, e a recorrência de estratégias de sobrevivência como o "*Hustling*"⁵, comércio informal, trabalho clandestino entre outros procedimentos.
- Fragmentação simbólica e social dentro de um contexto de decomposição de classe, desproletarização, dispersão e fragmentação dos novos pobres urbanos (Wacquant, 1995).

Finalmente, vale lembrar, uma das contribuições mais interessantes sobre as áreas do espaço urbano que concentram propriedades negativas de estigmatização social e simbólica podem ser extraídas de análises das relações entre espaço social e espaço físico, como propõe o modelo de Bordieu. Em seu modelo de espaço social, os agentes e grupos ocupam um campo de posições sociais relacionadas umas às outras, assim como se encontram distribuídos e localizados em regiões do espaço físico. O espaço social é constituído de modo que os agentes e grupos são distribuídos em função de sua posição social, estabelecida de acordo com dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o capital cultural. As diferenças associadas a posições sociais diferentes funcionam como diferenças simbólicas que implicam distintas categorias sociais de percepção. Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas, mas são também esquemas classificatórios.

No modelo proposto por Bordieu, os agentes sociais e as coisas apropriadas pelos agentes se encontram situados num lugar do espaço social que se caracteriza por sua posição em relação a outros lugares e pela distância física que o separa deles. Segundo Bordieu:

como o espaço físico   definido pela exterioridade mútua das partes, o espaço social   definido pela exclusão mútua (ou a distin o) das posi es que o constituem, isto  , como estrutura de justaposi o de posi es. (1997, p. 160)

A estrutura do espaço social se apresenta, assim, sob a forma de oposi es espaciais. O espaço físico exprime as hierarquias e as distâncias sociais. O espaço social se expressa através da distribui o no espaço físico de diferentes espécies de bens e serviços e também grupos localizados e dotados de oportunidade de apropria o desses bens e serviços:

  na rela o entre a distribui o dos agentes e a distribui o dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado. (Idem, p. 161)

Na topologia social de Bordieu, as zonas do espaço social, consideradas como um conjunto de posi es em rela o de homologia, oposi o, distância, são retraduzidas no espaço físico através da rela o entre zonas segundo a distribui o de agentes dotados de capital e propriedades em bens e serviços.

Expressões do *digital divide* e sistematiza o de suas características

Como vimos, as reflexões acerca da exclusão econ mica e social (que não se restringe apenas a estas "dimensões", mas   também política e cultural) gira em boa parte em torno da inser o individual no mercado de trabalho. O "ator" está objetivamente e se sente subjetivamente "integrado"   "sociedade" (isto  , não-excluido) quando integra a economia capitalista assumindo um dos papéis por ela oferecidos (basicamente os de trabalhador e consumidor) e se relaciona com o Estado e a administra o pública como contribuinte e cliente. Naturalmente, não encontraremos nas abordagens sobre a "cisão digital" exatamente estas categorias; mas elas nos servirão para estruturarmos o andamento da nossa investiga o.

A discussão sobre a "cisão digital" vem surgindo no contexto da difusão e uso de tecnologias de manejo e transmissão de informa o que permitem uma comunica o mútua ("interativa") entre seus diferentes usuários. A convergência entre computa o e informática com a transmissão   distância de dados a baixo custo (através de uma rede especificamente criada para tais objetivos; inicialmente a Arpanet nos EUA) cria as condi es para uma "comunica o" que não se manifesta apenas tecnicamente no fluxo (e refluxo) de dados e informa es, mas que possibilita, tendencialmente, a realiza o – por intermédio do novo meio técnico-informacional – de discursos e entendimentos no sentido habermasiano (por isto acreditamos mais apropriado falar de CMC

– comunicação mediada por redes de computadores – do que simplesmente de TICs). Como em qualquer troca de informações entre diferentes atores sociais, realizar uma "comunicação" nesse novo meio não é nenhuma tarefa trivial; muito pelo contrário, sujeita a uma série de condicionamentos, condições e restrições sobre os quais o autor citado vem se debruçando há mais do que 30 anos.

Problematização: importância e reconhecimento dos desafios

O que dizíamos inicialmente a respeito da discussão sobre as recentes transformações das sociedades contemporâneas (reestruturação econômica, modo de desenvolvimento informacional, pós-fordismo, etc.) pode ser facilmente confirmado para o debate mais específico referente à difusão e uso das (novas) tecnologias de informação e comunicação. As experiências a respeito são tão heterogêneas e controvertidas que nos contentamos aqui com uma demonstração mais qualitativa de duas experiências: por um lado uma demonstração de suas potencialidades "subversivas" no campo comunicativo-político (um caso que se tornou paradigma do potencial emancipador das TICs); por outro lado, uma preocupação política de possibilidade de universalização do acesso às TICs, enfatizando-se o seu potencial "integrador".

O potencial libertador da comunicação mediada por redes de computadores

Uma experiência já realizada, a da luta zapatista que conquistou "audiência" mundial via Internet em 1995, demonstra como este novo meio não necessariamente precisa reproduzir os padrões dominantes de poder e opressão (indica também como a mídia tradicional se negava a difundir – tornar públicos – os comunicados dos zapatistas).

São os "projetos" que ultrapassam aqui as fronteiras, e não o dinheiro. Como bem explicitou o sub-comandante Marcos (no comunicado dos zapatistas de 17/3/1995):

E nós queremos agradecer e a todos vocês. Muito obrigado... e quando estiverem velhos podem contar aos seus netos em casa: "Eu também lutei naquele momento, no fim do século XX, para o México, aqui de casa mesmo; mas estive não obstante com eles... e eu nunca vi seus rostos, mas conheci seus corações porque eram iguais aos nossos" (conforme Wehling, 1997, p. 166; tradução nossa do alemão; destaque nosso).

Atribue-se esta "qualidade" da Internet ao seu caráter caótico, que torna impossível qualquer tentativa de censura; sua estrutura não hierárquica, que permite comunicações "horizontais" (ao contrário dos outros meios como jornais, rádios, televisão e sua estrutura vertical); a superação rápida e efetiva, a baixo custo de grandes distâncias; e sua estrutura democrática, na medida em que permite que quem quiser possa se manifestar.

Os críticos chamam, porém, a aten o para altos custos dos equipamentos (*hardware*), para a infra-estrutura necessária de acesso (linha de telefone, servidor), para o conhecimento em computa o e línguas que criam barreiras que tornam este *medium* de uma forma geral não democrático; assim, tornou-se acessível e útil apenas para as classes m dias e altas nos países industrializados. E, como diz Kramer, aos excluídos pertencem então exatamente aqueles que são marginalizados de outras maneiras: são os pobres que não têm acesso   educa o que vivem na periferia e em países chamados em desenvolvimento.

A luta contra a pobreza e a integra o via Internet

Esperança Internet? A articula o entre as diversas escalas espaciais e grupos heterog neos que relatamos há pouco apresenta alguns ingredientes interessantes que deixam imaginar um poder libertador e integrador da Internet. Já a experiência (por ora preparada num programa da ONU) caracterizada brevemente adiante, demonstra uma apropria o problemática que vai na dire o de uma maior integra o e do combate a incrustradas desigualdades econ micas e sociais nas (e entre as) sociedades contemporâneas, mas onde encontramos uma forte ambiguidade entre consciência social e interesse comercial; poder econômico e político.

Numa matéria recente no *Washington Post* (de 12 de agosto de 1999) seu jornalista Thomas W. Lippman relata sobre a forma o de uma aliança – que chama de "improvável" – entre o Programa de Desenvolvimento das Na es Unidas (UNDP), a empresa Cisco Systems Inc., principal produtora de *hardware* de *networking* de computadores, a KPMG e a Akamai Technologies de Cambridge, Mass., que possui 90 centros de dados de dissemina o de conteúdos via Internet ao redor do mundo. Estão se juntando com a finalidade de, conjuntamente, usar o poder da Internet para atacar a pobreza de massa em países em desenvolvimento.

Seu objetivo   casar a tecnologia da Cisco com a presença global do UNDP para superar a imensa defasagem (*gap*) entre aqueles que "sabem e os que não sabem" ("*the knows and the know-nots*"), como dizem as Na es Unidas. Anunciaram, para este fim, a cria o do maior sítio (*site*) da Internet do mundo – o NetAid.org -, cuja existência será divulgada, em outubro, por uma série de eventos de publicidade mundial.

Sua meta   conectar até mesmo as aldeias minúsculas do Terceiro Mundo   Internet através de computadores públicos. Artesãos locais poderiam us -los para achar mercados no estrangeiro e cooperativas agrícolas para estudar novas técnicas agrícolas. Apostam na possibilidade de o UNDP providenciar este acesso nos 174 países de sua atua o, inclusive em muitos onde os governos implementaram restritos controles sobre o fluxo de informa o. O novo diretor do UNDP, Mark Malloch Brown, descreveu o esforço de NetAid como "completamente subversivo, de modo que os ditadores de velha-linha

têm dificuldade em manobrar isto". Ele disse que está apostando que mesmo aquelas instâncias que não querem que camponeses ou trabalhadores de fábrica tenham acesso à informação global relutarão em fechar ou expelir o UNDP por prover isto.

Acreditam os responsáveis que "informação é poder para os pobres do mundo" e o UNDP planeja entregá-lo. Neste sentido, extrema pobreza é um enorme problema, mas está começando a ser um problema que pode ser atacado. Ou, conforme disse Brown,

Unfortunately, extreme poverty is on the rise. The existing tools and resources to combat the world's worst poverty are clearly insufficient. NetAid will be a lasting weapon that will help mobilize people that were not involved previously, and create new virtual communities that will work together to eradicate extreme poverty.

Entretanto, bilhões de pessoas no Terceiro Mundo não têm nem mesmo eletricidade, sem pensar em computadores e acesso a provedores de Internet. De acordo com as Nações Unidas,

os literalmente bem conectados têm uma vantagem esmagadora sobre os pobres não-conectados, cujas vozes e preocupações estão sendo deixadas de lado na conversação global. Forças de mercado só não vão retificar o desequilíbrio.

De acordo com os sócios da NetAid, quando o sítio estiver *online*, no dia 8 de setembro, ele vai criar "oportunidades para pessoas aprenderem, contribuir com tempo e dinheiro, trocarem idéias e experiências e se unirem àqueles que conduzem a luta contra a pobreza extrema". O sítio (*site*) terá a capacidade para manobrar 125.000 acessos (*live streams*) simultâneos, aproximadamente 10 vezes o tamanho de qualquer atual sítio (provedor), e 60 milhões de golpes (acessos) por hora, 10 vezes o cume das últimas Olimpíadas e do Campeonato Mundial de futebol masculino em 1998. A meta, disse o vice-presidente executivo da Cisco, Don Listwin, é providenciar um canal para fundações, grupos de voluntários, corporações e indivíduos que têm soluções prospectivas para a pobreza do Terceiro Mundo se conectarem com pessoas em países pobres que precisam de ajuda obtendo educação e achando mercados para produtos, contactando os serviços de saúde ou organizando trabalhadores.

"Nós sabemos que os camponeses em Uganda não têm um PC; mas o UNDP pode providenciar um centro comunitário onde eles podem conseguir acesso", Listwin disse. Conforme Listwin e Brown, determinadas seções do UNDP, outros escritórios das Nações Unidas, igrejas e escolas que dispõem de eletricidade e computadores podem se tornar centros de informação onde a população local poderá obter acesso à NetAid – para achar mundialmente compradores para produtos indígenas, talvez, ou buscar informações a respeito de uma erupção de uma doença. O conceito de centros locais de acesso à Internet já está se espalhando em países tão diverso quanto a Mongólia, onde o primeiro servidor da Internet foi ativado em 1996, e a Estônia, onde indicações nas ruas mostram a distância até o próximo acesso público para entrar na rede.

As atividades da constru o do sítio (*site*) estão sendo custeadas pelas empresas participantes; cada uma está disponibilizando de \$5milh es a \$10 milhões de dólares até seu lançamento. "Nós temos uma consciência social, mas a motiva o da Cisco não   completamente altru stica. Como o uso da Internet cresce mundialmente eles sabem que estarão levando para mais pessoas o ecossistema de nosso negócio".

Os prós e contras da difusão e uso das TICs

Os dois exemplos brevemente apresentados no item anterior nos deixam questionar sob quais condi es esse novo meio de comunica o (verdadeira) pode ser apropriado para a redu o da exclusão econ mica e social, mas também para o fortalecimento da democracia, o "*empowerment*" político e cultural de classes sociais que não vêm obtendo acesso ao "núcleo" político (vide Habermas e Peters) e   formula o de sua agenda política.

Obviamente, a pergunta sobre "benefícios" ou "malefícios" das TICs   tão complexa que gerou uma grande controvérsia, diferentes abordagens e perspectivas que não vamos poder apresentar aqui – e mesmo porque qualquer esforço mais sistemático exigiria, antes, uma teoriza o e conceitua o mais aprofundadas sobre o assunto, como vimos anteriormente ("cisão ou exclusão"?). Portanto, apesar de acreditar que a reflexão acima, sobre as questões da exclusão social e segregaa o espacial contribua neste sentido, limitar-nos-emos por ora a fornecer ao leitor uma certa gama de posicionamentos encontrados na bibliografia sobre o assunto.

Nos últimos anos a bibliografia sobre o tema vem aumentando exponencialmente, na medida em que a discordância a respeito das TICs e do suposto advento de uma sociedade de informa o (ou, como outros preferem, sociedade informacional) vem-se aprofundando. O debate iniciou-se já desde a década de 70, com a contraposi o entre Bell e Braverman, que discutiram sobre o caráter das mudanças sociais então em curso, que iriam resultar em uma sociedade "pós-industrial" (Bell) ou "desqualificada" ("*de-skilling*") (Braverman). Atualmente, esse debate foi destituído de sua relevância na medida em que uma nova temática se tornou proeminente: aquela sobre as oportunidades expandidas de informa o versus o incremento das desigualdades informacionais – exatamente a temática do nosso pequeno ensaio.

Existe uma série de sistematiza o das principais perspectivas em rela o   implica es sociais e econ micas das TICs, que pode servir como uma primeira orienta o na mencionada controvérsia. Vários autores partem do pressuposto (como inúmeros outros) da constata o de que os avanços das TICs afirmam-se como uma das principais forças promotoras da transforma o social identificam duas opo es (articuladas) nas abordagens que se debruçam sobre estes processos:

- por um lado, temos aqueles autores que aderem ao *continuismo* (defendem a posição que nada de essencial está mudando nas nossas sociedades atualmente) ou ao *transformismo* (dizem perceber no surgimento da sociedade de informação um grande e significativo deslocamento histórico, que muda profundamente as sociedades industriais);

- por outro lado, pode-se distinguir entre uma vertente de *concordismo* (destaca as TICs como promotores de uma liberação na medida em que permitem descentralização e democratização) e sua posição opositora de *antagonismo* (vê o aumento da capacidade de controle social e político das TICs, o incremento das distâncias econômicas e sociais já existentes – *information rich versus information poor*);

Lembrando os dois casos anteriormente apresentados (zapatistas e ONU), identificamos nas suas diferentes perspectivas, claramente, a primeira oposição entre *continuistas* (ONU) e *transformistas* (zapatistas) – aliás, ambos aproveitando-se positivamente do novo meio. Para nosso estudo interessa no presente contexto uma explicitação da segunda oposição, entre concordistas e antagonistas, como foi (sem referência à sistematização de Miles) apresentado por Kramer (1998). Seu esforço de identificar os "prós" e "contras" na bibliografia sobre os impactos das novas TICs adota claramente esta segunda oposição.

Por isto, com a finalidade de fornecer mais explicitamente os critérios deste debate, o trabalho realizado por Kramer pode nos ser útil. Para sua classificação em opiniões "positivas" (concordistas) e "negativas" (antagonistas) lança mão de uma série de categorias como

- democracia - sociedade civil;
- desenvolvimento econômico;
- trabalho;
- acesso ao recurso "informação";
- relação centro-periferia; e
- cultura e gênero.

O confronto toma a seguinte forma:

positivo	negativo
Democracia – sociedade civil	
Novas possibilidades para o fortalecimento de uma sociedade civil (global) num mundo em vias de globaliza�o (Schmid e Kubicek, 1994; Howard, 1992; Aguiar, 1997; Volkmer, 1995, p. 28)	Acesso não democrático prejudica ainda mais aqueles que já são marginalizados (<i>information poor</i>); concomitantemente surge uma info-elite (<i>information rich</i>) (Becker, 1996, p. 29; Torres, 1995, p. 4)
São criados novos “espaços públicos”	Criam-se fundamentalmente “espaços privados” (Mitchell, 1995; Warf e Grimes, 1997, p. 167)
Impossibilidade de controle fomenta expressão livre de opinião (Habl�tzel, 1997)	Impossibilidade de controle abre novas possibilidades para atividades ilegais (Warf e Grimes, 1997, p. 269). Simplifica supervisão estatal (Berliner Datenschutzbeauftragter, 1995) – tem tanto implica�es negativas como positivas
Desenvolvimento econômico	
Possibilidade de “queimar décadas de desenvolvimento” através de um “pulo na sociedade informacional” (Kwankam, 1997)	Reforço da dependência tecnológica do Norte
Evita o <i>brain-drain</i> através da possibilidade para os bens formados manterem, mesmo nos seus países, a conexão com a comunidade científica (Holdemess, 1966, p. 22; Press, 1996)	
Trabalho	
Novos postos de trabalho por causa de vantagens locais em certos lugares e para determinados setores. Especialmente levantamento de dados, serviços de computa�o (Neyer, 1996, p. 27) e informática (p. ex. na �ndia: Br�ne, 1996, p. 683; Afemann, 1997, s.p.)	Redu�o bruta dos postos de trabalho devido a medidas de racionaliza�o possível por causa das tecnologias de informa�o e comunica�o. Novos postos criados (teletrabalho) não são organizáveis em sindicatos (Altwater e Mahnkopf, 1996, p. 25)
Acesso ao recurso “informa�o”	
Melhor acesso a informa�es e conhecimento, que estão localizados no centro ou nas periferias (p. ex. conhecimento médico que permita diagnoses � distância: Ope�a, 1998; Press, 1996; publica�es e revistas especializadas indisponíveis nas bibliotecas do sul: Holderness, 1996, p. 20)	Inunda�o por informa�es pode gerar desinforma�o (Virilio, 1995, fala da “parada Rasante” na qual não há mais possibilidade de reflexão, s� de pr�-flexão); “bomba informacional” (Einstein conforme Virilio, 1995, s.p.) como um dos maiores perigos da contemporaneidade
Rela�o centro-periferia	
Chances para áreas perif�rias, na “aldeia global” conseguirem um melhor acoplamento aos centros. Com isto poderia ser nivelada a oposi�o entre centro e periferia (McLuhan, 1964) p. ex. venda direta de cooperativas de pequenos agricultores (Panos, 1995, s.p.)	Distribui�o desigual da infra-estrutura incrementa as disparidades espaciais (Holderness, 1996). centros localizam-se menos em rela�o a critérios geográficos, mais aos do poder (Hasse, 1995);
Possibilidades melhoradas da gera�o de redes Sul-Sul aumentam as possibilidades da realiza�o de uma nova ordem de informa�o mundial (Holderness, 1996, p. 20)	Dados e informa�es têm sua origem principalmente no norte (Nuscheler, 1996, p. 23; Uimonen, 1997)
Cultura e g�nero	
Fomenta intercâmbio cultural (Lee, 1998)	Imperialismo cultural, internet possibilita exposi�o máxima superficial de culturas exóticas (Smith, 1997; Neyer, 1996, p. 23)
Chances para mulheres por causa da estrutura anti-hierárquica, igualitária devido ao maior alcance do raio de a�o de mulheres pouco móveis (p. ex. no Islão) e devido � “neutralidade de g�nero” da comunica�o (Chua, 1995)	Agudiza�o da situa�o prejudicial das mulheres, na medida em que são prejudicadas por causa das importantes condi�es de acesso � educa�o e controle sobre recursos financeiros (Inoue, 1994, p. 14; Becker, 1996); válido especialmente para mulheres de influência �rabe

Opiniões versus "realidades": primeiras Indicações quantitativas sobre o *digital divide* nos EUA e no Brasil

Como vimos, há uma série de argumentos favoráveis e desfavoráveis a respeito da capacidade das TICs gerarem maiores graus de integração e/ou menores níveis de exclusão nas sociedades capitalistas contemporâneas (excludentes em diferentes graus conforme continente e país). Aderir a uns ou outros depende em grande medida da perspectiva (teórica, ideológica, política) de cada autor.

Não será possível, é óbvio, "resolver" este impasse entre os argumentos com uma simples investigação dos "reais efeitos" do avanço das TICs. Apenas para complementar – identificando pelo menos certas tendências que têm alguma plausibilidade – e ilustrar o confronto entre as perspectivas, apresentaremos agora alguns dados e informações que dizem respeito à "situação real" em dois países:

- primeiro, nos Estados Unidos da América, país onde difusão e uso são mais avançados (aproximadamente 25% da população já está conectada à Internet) e onde encontramos dados bastante detalhados e significativos; e,
- segundo, no Brasil, com um grau muito menor de penetração das tecnologias e onde ainda não existem muitas informações a respeito do nosso tema. Mas mesmo assim parece-nos interessante pelo menos apontar alguns traços específicos no nosso país para ter uma, ainda que provisória, impressão de um possível padrão (e magnitude) da "cisão digital".

Situação e tendências da "cisão digital" nos Estados Unidos

Não deixa de ser curioso (porém não muito surpreendente) que nos órgãos de governo dos EUA encontramos o mesmo posicionamento em relação ao uso (positivo) das TICs como expresso anteriormente pela ONU. Se incorporássemos programas de outros continentes e países, encontraríamos situações semelhantes (tanto nos países da Europa e nos programas da Comissão Européia – vide nossa discussão em Randolph, 1997 como também na Ásia). Há um esforço global (inclusive coordenado pelo grupo G7) de fazer avançar a difusão dessas tecnologias em prol de novas formas econômicas ("economia digital"), de integração social ("sociedade informacional") e participação política ("tele-democracia").

Como "país-líder" (hegemônico) deste movimento, os Estados Unidos merecem nossa especial atenção, como já mencionamos antes. Parece ser, basicamente, o Ministério de Comércio (Department of Commerce) o principal responsável por acompanhar e supervisionar estes processos. Pelo próprio ministério e por sua agência especializada no assunto das TICs – a Administração Nacional de Telecomunicações e Informações –

NTIA, estão sendo elaborados periodicamente relatórios que, pelas próprias palavras do Ministro (Secretary), devem contribuir para a compreensão, mensura o e explica o dos efeitos na na o da chamada revolu o informacional. Há uma preocupa o com a emergência da "economia digital" (dois relatórios; um em 1998 e outro em 1999), seus efeitos sobre o trabalho (dilema digital) e, a que nos interessa aqui, a respeito da "cisão digital". A última temática fica a cargo da NTIA, que apresentou em julho (1999) o terceiro relatório sobre os efeitos da difusão e uso das TICs nos Estados Unidos sob o título "Caindo pela rede: definindo a cisão digital".

Na medida em que a emergente economia digital torna-se a principal força de promo o do bem-estar econômico para a popula o, o domínio de habilidades informacionais e o acesso aos instrumentos informacionais precisam ser assegurados para a totalidade da popula o – eis a argumenta o oficial. Para que a economia possa crescer vigorosamente e, no futuro, ninguém seja deixado para tr s.

O mais recente relatório da NTIA sobre o *digital divide* procura identificar os possíveis problemas que o avanço desigual e excludente das tecnologias pode ter provocado em diferentes segmentos da popula o. Os dados ai trabalhados foram obtidos através de um censo nacional (via amostragem) em dezembro de 1998 e abrangem um amplo espectro de variáveis demográficas, econ micas, sociais e também organizadas territorialmente. Diferencia principalmente entre *acesso* e *uso* quanto aos três instrumentos considerados de maior importância:

- telefonia e outras formas de distribui o de informa es (cabo; linhas de força);
- computa o; inclusive considerando o acesso   televisão via computador ("WebTV");
- e, como articula o em rede dos computadores, a Internet (ou www).

Como principais critérios para identificar as diferencia es de acesso e uso das tecnologias por diferentes grupos populacionais (segmentos sociais) foram utilizados os seguintes:

- localiza o da pessoa ( rea rural; área urbana; área da cidade central – isto  , a cidade maior dentro de uma área metropolitana definida conforme *Census Bureau*; utilizou-se ainda a especifica o de certas variáveis por estado – unidade da federa o);
- renda conforme nove faixas de s lrio familiar;
- raça/origem (branco, negro, hispânico, origem asiática);
- educa o;
- idade;
- g nero;
- tipo de domicílio (também estrutura familiar – presença de adultos e crianças);
- lugar de uso das tecnologias (casa – não casa; não-casa – escola, biblioteca, emprego, centros comunitários);
- tipo de uso (relativo ao emprego; comunica o com familiares e amigos; *hobbies*, lazer, interesses especiais).

Pelos dados e tabelas apresentados podemos deduzir que a Internet, pelo menos seletivamente em termos quantitativos nos EUA, vem crescendo quase exponencialmente, afirmando-se como um meio com alto grau de sofisticação técnica e oferecendo, quando observamos as informações a respeito de seu uso, a potencialidade de uma "verdadeira" comunicação (partindo da hipótese de que a "comunicação com familiares e amigos" tenha como corolário a intenção de uma compreensão e entendimento mútuos).

Mas, quando se observam as distinções "clássicas" (vide acima, no *Exclusão social e segregação espacial*) a respeito de desigualdades e exclusões sociais, reencontra-se o mesmo padrão: há uma tendência expressa pelos dados que grupos populacionais (com maior aglomeração em determinadas áreas) estão acompanhando o ritmo de expansão da difusão e uso numa velocidade menor do que outros grupos e segmentos da sociedade norte-americana.

São fundamentalmente os negros e hispânicos, de faixas de renda mais baixas, com níveis de educação menores que estão "ficando para trás" e cuja chance de reduzir a "distância social" (ou chances de se afastarem cada vez mais) em relação a outros grupos mais privilegiados vai diminuindo na mesma proporção que a "economia digital" vai avançando; podendo tornar-se, inclusive, uma séria limitação para o dinamismo desta (dentro de uma perspectiva continuista, é óbvio).

Sem poder aqui entrar em maiores detalhes, é possível arriscar a interpretação de que, mesmo no país mais rico do mundo, com taxas de desigualdades sociais ainda moderadas em relação aos países menos industrializados, não temos indícios suficientes para poder apoiar com certa plausibilidade a perspectiva positiva em relação a quase todos seus critérios:

- em relação a: democracia – sociedade civil; aqui não temos elementos suficientes no referido relatório;
- em relação ao: desenvolvimento econômico; há uma tendência mais negativa em relação a determinados segmentos (classes) da sociedade;
- em relação a trabalho/emprego – idem;
- em relação a acesso ao recurso "informação"; as informações sugerem que a perspectiva negativa seja a mais provável para aqueles segmentos já citados;
- em relação à relação centro-periferia; não há possibilidade de tirar conclusões;
- em relação a cultura e gênero – talvez seja o critério que aponta mais claramente que os efeitos negativos sobressaem os efeitos positivos;

Em síntese, o quadro nos EUA aponta para uma diferenciação tanto entre grupos e classes sociais como para o surgimento de novas características (empíricas) das desigualdades, cisões e exclusões sociais. Tomaremos estes primeiros e ainda pouco nítidos indícios como desafio para nossa reflexão.

Cisão digital no Brasil

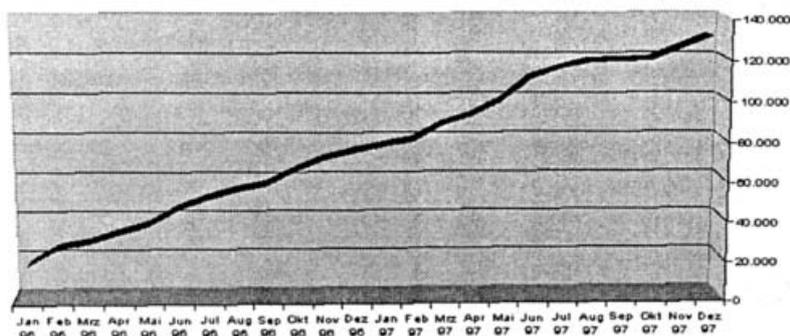
  guisa de uma primeira ilustra o (e por ainda estarmos pesquisando os dados mais específicos sobre o assunto) apresentamos no caso do Brasil apenas o acesso da popula o   telefonia e   oferta de acesso e uso da Internet.

- *Desigualdades do acesso   telefonia*

Se há uma certa "homogeneidade" entre diferentes grupos e classes sociais nos EUA, ela se refere ao acesso   telefonia, que está absolutamente garantida para a quase totalidade da popula o.

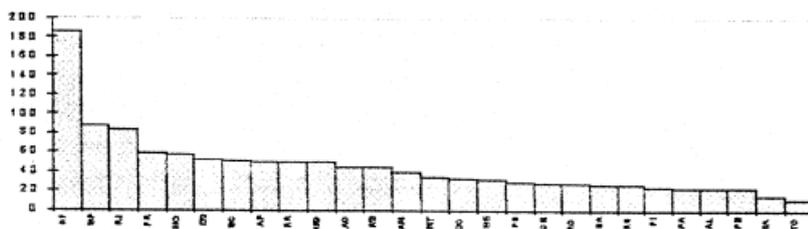
Usamos as poucas indica es a seguir apenas para imaginarmos a dramaticidade da situa o brasileira em rela o ao acesso a este meio de comunica o.

Na curva aqui apresentada vemos como aumentou significativamente o número de linhas telef nicas disponíveis para a popula o entre 1995 e 1997.



Poder-se-ia ter alterado também o quadro dramático das diferenças do acesso entre os diferentes estados da federa o como mostrar o seguinte "chart", que apresenta os telefones por mil habitantes (em 1995 - conforme IBGE; Fonte: Kramer, 1998);

Entretanto, acreditamos que aquele aumento   capaz de apenas ter contribuido para um aprofundamento das desigualdades.

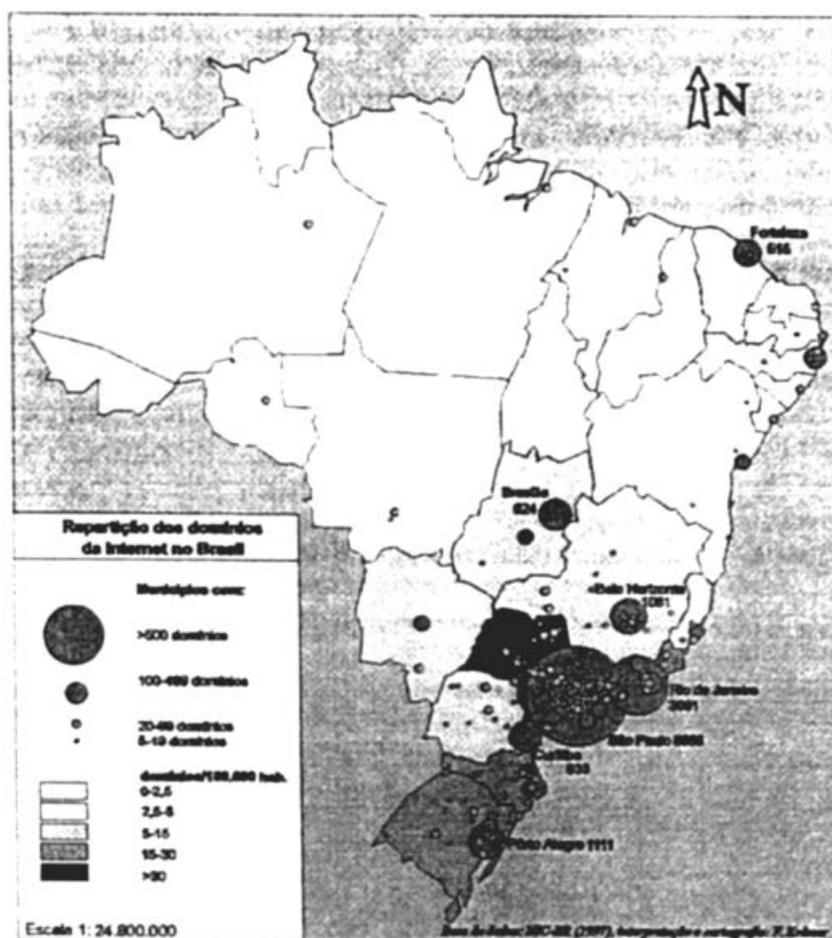


● *Desigualdades da oferta de acesso - hosts e domínios no Brasil*

Na ausência de dados sobre a difusão e uso dos computadores no Brasil, reportamo-nos apenas ainda a uma indicação do uso diferenciado da Internet entre as principais metrópoles e regiões do país.

No mapa seguinte observamos a distribuição territorial de domínios ou *hosts* no Brasil - ou seja, em que lugares encontram-se quais quantidades de empresas que têm sua presença na Internet registrada por um endereço próprio. Mesmo não sendo o melhor indicador a respeito do uso, uma concentração maior (ou menor) de endereços na Internet nos diz algo sobre a dinâmica diferenciada como este novo meio está sendo adotado no país. E, conforme o mapa, reencontramos um padrão de desigualdade por demais conhecido em relação a outras variáveis.

Como já anunciamos antes, trata-se, aqui, apenas de uma primeira ilustração do caso brasileiro em relação à questão da "cisão digital".



À guisa de uma conclusão: o desafio do digital divide para a compreensão da exclusão

Procuramos reunir, no nosso ensaio, elementos e argumentos que possam ajudar a realiza o da problematiza o mais cuidadosa e aprofundada do que a que   feita em muitas abordagens. Pretendíamos com isto sensibilizar os estudiosos no sentido de compreender o desafio do *digital divide* como desafio para repensar a questão da exclusão em duas diferentes facetas nas sociedades capitalistas contemporâneas.

A revisão daquelas conceitua es acerca da exclusão e segrega o, brevemente apresentada no item 2, deveria buscar dar conta daquelas transforma es que são hoje discutidas sob o título da globaliza o como uma fase da internacionaliza o de redes e sistemas, da queda do muro de Berlim e da desregulamenta o radical no nível dos Estados nacionais (Mittelart, 1998, pp. 22 ss.). As novas tecnologias se inscrevem desta maneira numa muta o que o autor descreve da seguinte maneira:

En el transcurso de esa mutación, la comunicación se ha profesionalizado y el modelo empresarial de las comunicaciones se ha impuesto en el conjunto de la sociedad como único modo de comunicarse. La comunicación así concebida se ve ya considerada, incluso, por el Estado, como una excelente tecnología de gestión social. A título de ilustración basta considerar la expansión en los años 80 del modo empresarial de comunicación en las instituciones estatales, las asociaciones humanitarias o las comunidades territoriales que han redefinido sus relaciones con los ciudadanos y con la sociedad civil recurriendo al imaginario de la publicidad. (Idem)

O debate a este respeito precisa ser incorporado ao tema que nós nos propusemos trabalhar aqui. Novas formas e formatos de comunica o (como vimos muito por alto nas informa es sobre os EUA) produzirão novas dimensões de integra o e exclusão que as abordagens comprometidas com a categoria central do trabalho e da sociedade capitalista como a de trabalho podem ter dificuldades de absorver. *Comunica o* compreendida em toda sua profundidade POLÍTICA e CULTURAL (ver para isto os livros mais recentes de Habermas e Touraine).

Mittelart propõe a introdu o da idéia da "comunica o-mundo" (remetendo   "economia-mundo" de Braudel), com a qual pretende expressar que a globaliza o não   a única lógica que orienta as transforma es na comunica o. V  nestes novos cenários da comunica o internacional os indícios mais preocupantes das muta es sociais recentes em nível global.

La "comunicación-mundo" permite dar cuenta de las l gicas de mundialización sin mistificarlas. Al contrario de lo que pretende hacer creer la representación globalista e igualitarista del planeta [lembremo-nos da perspectiva continuista da ONU] del planeta, esas l gicas nos recuerdan que la mundialización de las economías y de los sistemas de comunicación es indisoluble

de la creación de nuevas desigualdades entre países y regiones, y entre los diversos grupos sociales; con otras palabras, es fuente de nuevas exclusiones. (Idem)

Deduzimos desta visão transformista-antagonista de Mattelart que, mais do que nunca, precisamos aguçar nossa percepção empírica (ver Expressões do "Digital Divide" e *sistematização de suas características*) e nossa reflexão teórica para avançar concomitantemente na desconstrução das outras perspectivas que se mostram claramente dominantes. Imaginamos que o caminho para rever os conceitos tradicionais passa pela incorporação explícita das dimensões políticas e culturais das novas (e velhas que permanecem) de comunicação. Para citar pela última vez o autor:

La tensión entre la pluralidad cultural y las fuerzas centrífugas del cosmopolitismo mercantil ha revelado la complejidad de las reacciones frente al surgimiento de un mercado único a escala planetaria... Comienzan a plantearse nuevas preguntas: Que sentido adquiere para las diferentes comunidades la conexión a las redes que constituyen la trama de la mundialización? Como resisten, se adaptan o sucumben? ... Está el provir del mundo en el mestizaje y la criollización?

En el umbral del tercer milenio la comunicación sigue siendo una cuestión política central que atrae cada día más la atención de los ciudadanos. (Idem)

E acreditamos que estas perguntas podem nos ajudar no reconhecimento de novas formas de exclusão que – apesar de todo "otimismo" dos continuistas – vão já mostrando seus primeiros contornos.

Rainer Randolph

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional/UFRJ.

Mário Hélio Trindade de Lima

Dep./UFES.

NOTAS

- * Este trabalho foi inicialmente apresentado no XXIII Encontro Nacional da ANPOCS em 1999 (GT 07 - Metropoliza o) e posteriormente publicado, com algumas modifica es, em GeografarES - Revista do Departamento de Geografia – UFES, v. 1, n. 1, junho de 2000, pp. 89-107.
1. "Tempos atrás foi o 'Jet Set' - aquele grupo de pessoas que se deslocava pelo mundo através de jatos - que foi admirado pelos meros mortais - no novo milenium vai ser o 'Net-Set'".
 2. Em particular, e nós voltaremos a isto mais tarde, há um esforço acentuado por parte do Ministério de Comércio dos EUA de acompanhar, medir e compreender estes processos; em rela o às próprias tecnologias de informa o e comunica o está encarregado um  rgo deste ministério, a National Telecommunication and Information Administration (NTIA) a elaborar relatórios desde 1996. Em outros países e regiões do mundo industrializado encontramos iniciativas semelhantes (vide nossa análise de programas na União Européia em Randolph, 1998)
 3. Os autores, isolada e conjuntamente, desenvolvem linhas e projetos de pesquisas voltados para a problemática tanto do avanço das TICs – adotando uma visão crítica em rela o às suas conseq ncias especialmente num país como nosso –, das transforma es sociais e espaciais e da questão das desigualdades sociais e da pobreza nas suas diferentes modalidades de expressão.
 4. Offe tem como parâmetro um modelo de sociedade no qual o trabalho torna-se tendencialmente cada vez mais escasso, onde todos devem dedicar apenas uma pequena parcela de tempo ao trabalho remunerado formal e, portanto, "o acesso de todos ao trabalho depende da renúncia parcial ao trabalho por parte de cada indivíduo". Do contrário, Offe avalia que o número crescente de excluídos seria suficiente para "implodir a malha de segurança social". Como desdobramento deste quadro, uma das conseq ncias mais importantes, segundo o autor,   um deslocamento no eixo dos conflitos sociais, isto  , "tratar-se-ia não mais do trabalho contra o capital, mas do trabalho aliado ao capital contra o resto dos 'descartáveis' ao trabalho "remunerado", talvez como uma das expressões de tendências a um "comportamento não-solidário" (Offe, 1989, p. 9).
 5. O próprio Wacquant nos explica, em "A Zona" (Bourdieu, 1997, p. 177), que: "O mundo do hustling se opõe  aquele do trabalho assalariado onde tudo  , ao menos em teoria legal e reconhecido (Legit), regular e regulado..." em suma, o verbo *to hustle* designa um conjunto de atividades ilícitas e ilegais.

Bibliografia

- AFEMANN, Uwe (1997). Internet-another panacea to solve world's problems? <http://www.rz.uni-osnabrueck.de/Dokumentation/Lokale – Kopien/Internet – und – Dritte – Welt/int3wframe/TOC>.
- AGUIAR LOPES, Sonia (1996). *A teia invisível. Informa o e contra-informa o nas redes de ONGs e movimentos sociais*. Tese de doutorado em Comunica o. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- AGUIAR, S nia (1997). *Informa o e contra-informa o nas redes de ONGs e movimentos sociais*. <http://www.conexao.com.br/arquivo/teiainv2.htm>.

- ALTVATER, Elmar (1997). "Markt und Demokratie in Zeiten der Globalisierung und ökologischer Krise". In: ALTVATER, Elmar; BRUNNENGRÄBER Achim; HAAKE, Markus und WALK, Heike (Hrsg.). *Vernetzt und verstrickt. Nicht-Regierungsorganisationen als gesellschaftliche Produktivkraft*. Münster.
- ALTVATER, Elmar und MAHNKOPF, Birgit (1996). Der Tanz um das goldene Kalb - Globaler Wettbewerb und lokale Wettbewerbsfähigkeit. *Blätter des iz3w*, n. 216, S. 24-26.
- ALTVATER, Elmar; BRUNNENGRÄBER, Achim und WALK, Heike (1997). "Vernetzt und Verstrickt - Einleitung". In: ALTVATER, Elmar; BRUNNENGRÄBER, Achim; HAAKE, Markus und WALK, Heike (Hrsg.). *Vernetzt und Verstrickt. Nicht-Regierungsorganisationen als gesellschaftliche Produktivkraft*. Münster, S. 10-25.
- BECKER, Jörg (1996). Keine alternative Nische. Internet: Die Illusion unkontrollierter Kommunikation. *epd-Entwicklungspolitik*, 4/96 (Februar), S. 29-31.
- BELL, Daniel (1977). *O advento da sociedade pós-industrial. Uma tentativa de previsão social*. São Paulo, Cultrix.
- BERLINER, Datenschutzbeauftragter (1995). Jahresbericht. Berlin.
- BOURDIEU, Pierre (org.) (1997). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, Vozes.
- BRÜNE, Stefan (1996). Zwischen High-Tech und Low Budget – Die ehemalige Dritte Welt und die Neuen Medien. *nord-Süd aktuell*, 4/1996, S. 679-691.
- CASTEL, Robert (1995). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, Vozes.
- CASTELLS, Manuel (1995). *La ciudad informacional: tecnologías de información, reestructuración económica y el proceso urbano regional*. Madrid, Alianza Editorial.
- CASTELLS, Manuel (1997). *La sociedad red*. Madrid, Alianza Editorial.
- CHUA, Keng (1995). Gender and the web. <http://staff-www.uni-marburg.d/rillingr/net/meu/gender.html>.
- DAHRENDORF, Ralf (1992). *O conflito social moderno: um ensaio sobre a política da liberdade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- HABERMAS, Juergen (1987). "A Nova Intransparência: a crise do Estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas". *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, setembro.
- HABLÜTZEL, Niklaus (1997). Zensur lohnt sich nicht. *taz*, 23/10, S. 18
- HASSE, Jürgen (1995). Verschwindet der Raum? *Wechselwirkung*, Dezember, S. 54-59.
- HASSE, Jürgen (1997). *Mediale Räume*. Oldenburg (=Wahrnehmungsgeographische Studien zur Regionalentwicklung, 16).
- HASSE, Jürgen (1998). Zum Verhältnis von Raum und Körper in der Informationsgesellschaft. Aspekte einer geographischen Anthropologie. *Geographica Helvetica*, Nr. 2, S. 51-59.
- HOLDERNESS, Mike (1996). A promising solution fraught with peril. *CERES.The FAO-Review*. No. 158 (vol. 25, N. 2), March/April.
- HOWARD, Frederick (1992). *Computer Networks and the Emergence of Global Civil Society: the Case of the Association for Progressive Communication*. (Mimeo.)

- INOUE, Cristina Y. A. (1994). Computer mediated communication and non-governmental organizations. Possibilities and limitations. Unver ff. Studienarbeit, Den Haag.
- KAPOR, Mitchell u. BARLOW, John Perry (1990). *Across the electronic frontier*. *Electronic Frontier Foundation*. http://www.eff.org/pub/EFF/electronic_frontier.eff.
- KR MER, Frank (1998). Die Bedeutung des Internet f r das Empowerment von NGOs in sog, Entwicklungsl ndern. Das Beispiel Brasilien. Disserta o de Diploma (mestrado) Instituto de Geografia da FU Berlin. <http://www.geog.fu-berlin.de/~fkramer/>
- KWANKAM, S. Yunkap (1997). Information Technology in Africa: A Proactive Approach and the prospects of Leapfrogging Decades in the Development Process. http://www.isoc.org/inet97/proceedings/B7/B7_1.HTM.
- LEE, Erik Chia-Yi (1998). Cultural Recognition and the Internet. http://www.isoc.org/inet98/proceedings/5e/5e_1.htm.
- MARCUSE, Peter. (1989) *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 13, n. 4, New York, University Press.
- MATTELART, A. (1998). "Lo que está en juego en la globalizaci n de las redes". In: RAMONET, I (ed.). *Internet, el mundo que chega*. Madrid. Alianza, pp. 19-31
- MCLUHAN, Marshall (1964). *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York.
- MITCHELL, Don (1995): The End of Public Space? People's Park, Definitions of the Public, and Democracy. In: *Annals of the Association of American Geographers*, 85 (1), S. 108-133.
- NEYER, Jürgen (1996). Chancen und Gefahren der neuen Kommunikationstechnologien. *epd-Entwicklungspolitik* 14/96, S. 26-30.
- NUSCHELER, Franz (1996). Faszination und Schrecken globaler Telekommunikation. *epd-Entwicklungspolitik*, 14/96, S. 22-25.
- OFFE, Claus (1989). *Trabalho e Sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "sociedade do trabalho"*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- OLIVEIRA, Francisco (1988). *A economia brasileira: crítica   razão dualista*. Petrópolis, Vozes.
- OPE A, Merlita M. (1998). Community Organizing on the Net: The Case of the Philippine e-Health Initiative. http://www.isoc.org/inet98/proceedings/8b/8b_1.htm.
- PANOS-INSTITUT (1995). The Internet and the South: Superhighway or Dirt-track? <http://www.oneworld.org/panos/briefing/Internet.htm>.
- PETERS, B. (1993). *Die integration moderner gesellschaften*. Frankfurt/M. Suhrkamp.
- POLANYI, Karl. (1980). *A grande transforma o*. Rio de Janeiro, Campus.
- PRESS, Larry (1996). *The Role of Computer Networks in Development*. <http://www3.rcp.net.p/ VFORO/memorias/ing/press5.htm>.
- RANDOLPH, Rainer (1997). Comunica o e território: Reorganiza o do espaço urbano e novas tecnologias de comunica o mediadas por computadores (CMC). In: *Anais do 7  Encontro Nacional da ANPUR*, Recife, pp. 2177-2189.
- RANDOLPH, Rainer (1998). Cidades em rede: Meta-estratégias para incrementar a governança urbana. Discussão estimulada pela experiência européia dos anos 90. Trabalho apresentado no XXII Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu.

- SCHMID, Ulrich und KUBICEK, Kubicek (1994). Auf den Datenautobahnen in die Zivilgesellschaft? *Das Argument*, 206, Heft 4/5, S. 713-723.
- TORRES, Asdrad (1995). "Die große Illusion vom demokratischen Internet". In: *Monde Diplomatique (deutsche Ausgabe)*. November, S. 4-5.
- UIMONEN, Paula (1997). The Internet as a Tool for Social Development. http://www.isoc.org/inet97/proceedings/G4/G4_1.HTM.
- VIRILIO, Paul (1995). *Die Informationsbombe. Paul Virilio und Friedrich Kittler im Gespräch. Ausgestrahlt im Deutsch-französischen Kulturkanal ARTE*. <http://www.dds.nl/%7En5m/texts/gespraec.htm>.
- VOLKMER, Ingrid (1995). "Auf dem Weg in die globale Zivilgesellschaft: neue Formen globaler Kommunikation am Beispiel der Medienberichterstattung über die Weltfrauenkonferenz in Beijing". In: FRAUENANSTIFTUNG, e.V. (Hrsg.). *Auf dem Weg in die Kabeldemokratie - Frauen in der Medien- und Kommunikationsgesellschaft*. Hamburg.
- WACQUANT, Loïc J. D. (s/d). O Surgimento da Marginalidade Avançada: notas sobre sua natureza e implicações. *Revista de Sociologia e Política*, UFPR-PRPPG/SCHLA.
- _____ (1995). Proscritos da Cidade: Estigma e Divisão social no Gueto Americano e na Periferia Urbana Francesa. *Novos Estudos/Cebrap* n 43, novembro.
- WAHL, Peter (1997). "Mythos und Realität internationaler Zivilgesellschaft. Zu den Perspektiven globaler Vernetzung von Nicht-Regierungs-Organisationen". In: ALTVATER, Elmar; BRUNNENGRÄBER, Achim; HAAKE, Markus und WALK, Heike (Hrsg.). *Vernetzt und Verstrickt. Nicht-Regierungsorganisationen als gesellschaftliche Produktivkraft*. Münster, S. 286-307.
- WALK, Heike und BRUNNENGRÄBER, Achim (1998). NGO-Netzwerke. Strukturen, Aufgaben, Funktionsbedingungen und Handlungsraume. *Barfuß auf diplomatischem Parkett*. Dokumentation einer Tagung der Evangelischen Akademie Loccum von 19. bis 21. März 1997. S. 118-141. Loccum.
- WALKER, John (1998). *Internet - the Arab Men's World. Beitrag in der Mailingliste "GKD"* (Global Knowledge and Development am 15/7/1998. gkd@tristram.edc.org).
- WARF, Barney und GRIMES, John (1997). Counterhegemonic discourses and the Internet. *The Geographical Review* 87 (2), S. 259-274.
- WEHLING, Jason (1997). "Netzkriege" und AktivistInnen-Power im Internet. In: *nettime* (Hrsg.). *Netzkritik. Materialien zur Internet-Debatte*. Berlin, S. 156-166.
- WILSON, William Julius (1987). *When Work Disappears*. New York, Vintage Books.
- XIBERRAS, Martine (1993). *As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa, Instituto Piaget.